



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E COMUNICAÇÃO
HUMANA

“QUEM É A MÃE DESSA CRIANÇA?”:
Narrativas de maternidades

Thais Gomes de Oliveira

Porto Alegre

2019

Thais Gomes de Oliveira

**“QUEM É A MÃE DESSA CRIANÇA?”:
Narrativas de maternidades**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Psicologia do Instituto
de Psicologia, Serviço Social, Saúde e
Comunicação Humana da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito
parcial para obtenção do título de psicóloga.

Orientadora: Prof.^a Lílian Rodrigues da Cruz.

Prof.^a Dr.^a Lílian Rodrigues da Cruz (Orientadora)

Doutoranda Bruna Moraes Battistelli (Coorientadora)

Prof.^a Dr.^a Gislei Romanzini Lazzarotto (Comentadora)

Porto Alegre

2019

*A tudo que cada uma e todas as
mulheres fizeram e fazem para
que toda e qualquer coisa se
torne possível.*

Agradecimentos

Meu primeiro agradecimento há de ser ao que mais fez e faz diferença no meu percurso: a educação pública. Sou grata pela minha formação e luto para que muitas pessoas mais possam construir suas presenças no mundo através dessa experiência. Assim, a todas as pessoas que construíram as potências dos lugares de formação de que fiz parte desde minha inserção escolar, agradeço...

À minha íntima e mais próxima família: minha mãe e meus dois irmãos, que tudo testemunharam e que de tudo inventaram para que meu desejo em ser se mantivesse em pé, desde sempre, até sempre. E ao meu pai, que nesse percurso de graduação pôde sentir na pele, junto comigo, as transformações que vieram através da formação e ultrapassaram nossa relação.

Ao meu companheiro, Gustavo, que desde que entrou na minha vida a transformou em cada detalhe; que fez possível manter meu desejo pela psicologia, pelas relações, pelos processos árduos e estranhamente maravilhosos da vida. Agradeço hoje e todos os dias por me encontrar e por construir esse casamento que me veio de presente, mais um presente, ao te encontrar nessa graduação. Pelos sobrevoos, incentivos, pela escuta, pelo apoio, pela construção da nossa família: sempre te serei muito grata.

À professora Lílian, pela aposta que fez em mim e no meu trabalho, através do convite-acolhimento para compor o grupo de pesquisa; e pela orientação cuidadosa, solícita e cheia de afetos, que muito me permitiu ser e estar. A esse grupo de pesquisa, feito de mulheres, que é uma chama de esperança e de alegria no “meu” pesquisar. À Bruna, que através de muita presença e orientação pôde apostar em cada letra de cada rabisco que fiz e que construiu lado a lado comigo o nascimento de todos os meus projetos – no mínimo os acadêmicos – até então.

À própria formação em psicologia, que me permite e me convoca a cada dia a me rever, desconstruir, querer mais para o mundo, aprender com meus erros – formação que é ferramenta fundamental para muito em mim se transformar a cada dia. E que me convoca a um exercício constante de humildade. E às e aos colegas que estiveram construindo comigo esse ser psicóloga: pelos carinhos, pelas cervejas, pelas horas intermináveis de discussão e de diálogo, pela presença, pelas trocas, pelo tanto que me ensinaram e me ensinam.

Aos espaços por onde passei durante a graduação: a professoras/es que apostaram no meu trabalho e na possibilidade de eu vir a ser psicóloga; ao ATnaRede, que construiu comigo minha primeira prática psi e que me ensinou que a escuta acontece seja numa sala, seja na calçada; à Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS e às suas tantas pessoas que a formam, às e aos colegas psis das mais variadas formações, pela transmissão da escuta, pela confiança, pelas possibilidades de construção do trabalho que me enganchou e me afirmou enquanto psicóloga.

Às minhas grandes amigas e aos meus grandes amigos, por construir comigo quem eu hoje me reconheço sendo; por tornar compartilhável algo disso; por testemunhar meus movimentos; por compartilhar comigo os seus.

Às mulheres! Ah, essas que me são inspiração. A cada uma com quem me encontrei e que algo me transmitiu sobre o desafio de manter nossa existência. A elas e a todas as pessoas que compartilharam suas histórias comigo, seja na clínica, seja em qualquer outro lugar. Escutar é algo que me permite existir. E a todas essas pessoas e coisas juntas, porque tudo só é possível porque coexiste.

Eu, mulher, cheia de histórias sobre e com a maternidade, enquanto não-mãe, escuto de pessoas que me transmitem experiência. O lugar da experiência toma forma através do encontro. O encontro com as mulheres, com a memória, com a leitura, com a clínica. O encontro também através do feminino que propõe transformação. Que histórias eu conto?

Histórias do cotidiano, da vida acontecendo, no detalhe, no banal. Esse é meu principal interesse. E aqui vai se tratar de maternidade em um sentido que pode ser tomado como coletivo e/ou como singular. Dou para essas histórias liberdade. E elas passam por mim. Passam pelo que entendo, pelo que concordo, pelo que li, pelo que se chama de ciência. Ultrapassam. Atravessam. Vão além. Seguem. Às vezes elas dizem de mim diretamente, às vezes dizem de mim através da escolha de quem escutar e do que pude escutar e contar. Mas são livres. E continuam.

Resumo

Este escrito conta histórias construídas a partir de encontros: encontros presenciais com mulheres, encontros com histórias, encontros com memórias, encontros com a leitura e com a escrita, encontros com a maternidade. Aqui, o ato de narrar é o que dá corpo as histórias que se quer amarrar, e o objetivo – um deles – é produzir conhecimento e intervenção através desses encontros. A maternidade através do olhar de mulheres que são mães é o ponto inicial. E esse ponto tem o objetivo de narrar de alguns percursos e de experiências singulares que perpassam a temática da maternidade e as vidas das mulheres. Há que se saber que esse trabalho, como todo outro, é situado: parte de um ponto específico, localizado, parcial; narra a partir do meu olhar sobre processos com os quais dialoguei; diz de uma possibilidade de escuta e de intervenção com as histórias, as experiências, as maternidades. E nesse trabalho as histórias comuns à vida vão sendo escritas e colocadas em texto, através de um percurso de vida e de formação em psicologia.

Palavras-chave: mulheres; maternidades; narrativas; escuta.

Eu tenho um gosto especial por famílias de passarinhos.

Esses dias andava pelas ruas e vi uma, se relacionavam os passarinhos entre si. Me parece que as famílias de passarinhos se protegem de maneira única, andam juntos. Nunca dá para entender quem é quem, quem é mãe, quem é pai, quem é filhote-passarinho... tem mais alguém?

Não sei, nunca sei... sei que os passarinhos e como vivem me intriga, ou me instiga. A mãe-passarinho alimenta o filhote com tanta precisão, há que se dar a comida até a goela do passarinho filhote que, de tão frágil, se cair, morre e deu. Mas num dia que, me parece, chega do dia para a noite, ela o deixa – e o manda – ir. Voar. Seguir a vida.

Antes disso, vivem juntos, tantos. Se protegem das chuvas, se alimentam. E depois voam cada um para seu lado, num tempo que me parece urgir.

Lembro, quando penso nesses passarinhos, liberdade.

Não sou passarinha mas sei que minha mãe, depois de tudo fazer pelo detalhe de minha sobrevivência, me deixou – e me mandou – voar.

Os passarinhos lembram que minha mãe me ensinou a voar.

Trajetórias

Ela descobriu que engravidou.

Demorou dias para enfrentar o teste. Sonhou – uma vez – engravidar.

Tinha em sua realidade a presença de mães jovens.

Alguma coisa mudava, pensava. Desejava gestar.

Que difícil.

Na verdade, sabe que sempre se perguntou se quando chegasse a notícia de um futuro parto, teria ao menos a companhia de quem gerou junto.

Seria mãe-solo, como sua mãe e sua avó?

Este trabalho é construído a partir de histórias e de traços. Há traços aqui de uma conversa informal que existe na vida desde que o mundo é mundo. Há traços da discussão sobre reprodução, sobre direitos reprodutivos e direitos sexuais. Há traços da construção de ideia ou das ideias sobre maternidade que circulam nas palavras e no imaginário social. Ele nasce de um caminho de vida inteiro de questões que se fazem e reinventam através da escuta, e da escrita.

Esse tema me atravessa, e sempre me pergunto como será que não nos atravessa a todas/os¹. A maternidade, no início dessa escrita, me aparece sendo aquela função/atividade/acontecimento que inicia todas as coisas; que dá sustento para toda e qualquer vida. Um ponto de partida... um início. Uma certa amarração que nos coloca a todas/os na humanidade e na cultura através de uma inscrição, inscrição que acontece através de muitos cuidados e transmissões sobre e com a vida.

Parto do grande desejo de colocar em discussão a potência das histórias de maternidade que coexistem e que perpassam as vidas; as vidas das mulheres, bem como as de todo ser; as psicologias; os discursos presentes na cultura. Parto do desejo em escutar histórias; do desejo presente da escuta de mulheres que me contem sobre as suas maternidades, sobre as suas histórias, sobre as suas experiências.

¹ Inspirada por Débora Diniz, valho-me da escolha de utilizar o gênero feminino inicialmente, com objetivo de resistir ao gênero masculino universal e neutro que compõe a norma escrita do nosso idioma.

O caminho desse trabalho acontece pela afecção². São inúmeras as memórias que me vêm à cabeça quando penso nesse tema com o qual me proponho a escrever. Desde sempre escuto histórias sobre “a” maternidade, as primeiras através da minha mãe: parto que durou muitas horas, muita dor e muito risco – o cordão umbilical se enrolou no meu pescoço³; histórias sobre como foi difícil dar conta de cuidar da filha e dos filhos. E ainda outras, que vinham da Tv – partos doloridos e hospitalares, com muito grito, força e médicos homens. E outras ainda, das vizinhas, das professoras, das mulheres que encontrei na rua. E outras ainda, na clínica – de mulheres-mães e não-mães que se veem afetadas pelo desejo de serem mães ou pelo desejo de não serem. E muitas mais...

Nesse mesmo caminho de vida, passo a fazer parte da Iniciação Científica através do GEPS (Grupo de Estudo em Psicologia Social, Políticas Públicas e Produção de Subjetividades), grupo de pesquisa, espaço em que se criaram minhas primeiras perguntas acadêmicas, as “oficializadas”⁴. A partir do GEPS, pesquiso em coletivo sobre a Psicologia na interface com a Assistência Social. Nesse caminho de leitura, discussão, campo, escrita, enquanto procuro um caminho de pesquisar, encontro – entre outras coisas – as mulheres. Essas, centralizadas na Política de Assistência Social (OLIVEIRA, BATTISTELLI e CRUZ, 2018). Nessa direção, discutimos o lugar de um exercício específico de maternidade – de maternidade idealizada – que é esperado dessas mulheres, no desenvolvimento de uma Política Pública que atende em suma mulheres negras, pobres, responsáveis pelas suas famílias: conforme dados de 2011 do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)⁵, 70% dos lares que recebem o Bolsa Família são chefiados por uma pessoa negra; de forma que são pessoas negras (majoritariamente mulheres) as maiores beneficiárias da política de assistência social e também são maioria em assumir responsabilidade pelas famílias (OLIVEIRA, BATTISTELLI e CRUZ, 2019). Vimos a aproximação de um discurso sobre a maternidade que, de certa forma,

² Ser afetado e afetar. Um corpo comendo com o outro causando aumento ou diminuição da expansão da vida. Roberto Machado (2009) afirma que para "Gilles Deleuze, a afecção é o estado de um corpo quando ele sofre a ação de outros corpos, é uma "mistura de corpos" em que um corpo age sobre outro e este recebe as relações características do primeiro. E, correlativamente, as ideias afecção indicam o estado do corpo modificado."(p.74). Ou seja, quando falamos de afecções falamos do corpo sendo afetado pelo mundo.

³ Essa história, com certo lugar de mito: sabe-se hoje que esse não se trata de um risco à saúde dos bebês.

⁴ Quando digo oficiais assumo um risco que diz do meu percurso. Tomo minha própria forma de contar essa história de forma crítica: uso "oficializadas" porque questiono que siga imperando um modelo de produção de conhecimento que o entende como aquilo que é legitimado pela estrutura acadêmica. Em certo momento do percurso, entendi que minha iniciação na academia, como produtora de conhecimento, só existiria se fosse através de algo formalizado. Vejo que, através do saber da experiência se pode e se deve ir muito além disso.

⁵ Dados encontrados no Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, no site do IPEA: <http://www.ipea.gov.br/retrato/apresentacao.html>, acessado em 02 de abril de 2019.

atravessa a Política de Assistência Social: desde o primeiro-damismo, exemplo da cultura assistencialista que colocava a mulher que é casada com um homem que é figura pública de autoridade, como sendo essa que, por bondade, ajuda os mais pobres; até hoje em que podemos ver o cenário das/os trabalhadoras/es da Assistência Social que são, em sua maioria, mulheres. O cuidado na Assistência Social é, portanto, feminizado. Feminizado no sentido que indica a autora Priscila Detoni, que vai apontar para a feminização na Política de Assistência Social como essa concepção de que seriam características tidas como femininas as supostamente necessárias para que um certo cuidado aconteça (DETONI, MACHADO e NARDI, 2018).

A partir do trabalho de pesquisa no âmbito da psicologia em interface com a assistência social surgem algumas primeiras questões sobre a maternidade que materializaram o início dessa escrita: quem faz esse trabalho de cuidado e proteção dos membros das famílias usuárias da Política de Assistência Social? No Brasil, a proteção, o cuidado e os vínculos familiares são atuados, em sua maioria, por mulheres. A partir disso, essas necessidades não estariam sendo vinculadas a um determinado exercício de maternidade que precisaria acontecer para o desenvolvimento das políticas de inclusão social? Se sim, como se colocar isso em discussão? A função social da maternidade no desenvolvimento dessas políticas foi uma primeira questão.

Nesse percurso pela pesquisa científica, as políticas públicas de direitos sexuais e direitos reprodutivos foram questões que entraram na construção de uma das minhas perguntas. Pensar e colocar em discussão a garantia desses direitos me trouxe a pauta – ausente – da necessidade de uma política pública da maternidade. Se considerarmos a ampliação desses direitos, para além da área da saúde materna-infantil, também chegaremos à demanda de falarmos, nos termos da Política, sobre maternidade: enquanto função social/atividade; enquanto direito reprodutivo; enquanto necessidade/serviço fundamental da/na/para sociedade. Essa questão vai surgindo e junto com ela, desde sempre, a pergunta constante: “onde entra a psicologia”?; “que a(s) psicologia(s) podem fazer nesse campo”?... E essas perguntas vão se costurando.

E nesse mesmo caminho de vida, a clínica de orientação psicanalítica me encontra. Através da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, inicio a escuta clínica de percursos singulares de vida. Que tanto tem a contar. A escuta me aconteceu, como algo inseparável dos fazeres psi. E se entranhou em toda e qualquer prática minha de vida. E segue. Enquanto isso, escuto histórias de singulares vidas, enquanto vivo a clínica, enquanto vivo a vida. Todo lugar não propicia histórias? E as histórias vão se

enosando, vão se contando. O desejo pela palavra livre, que diz o que precisa e o que pode, vem me trazendo até a narratividade.

Nessa, o encontro com escritoras – mulheres, mesmo – que tem narrado, através da escrita e da oralidade, histórias que atravessam temas humanos fundamentais, tal qual é a maternidade, tem me ajudado a pensar formas de circular aqui histórias. Mulheres como Conceição Evaristo, Chimamanda Adichie, Eliane Brum... todas elas, às suas maneiras, inspiram meu encontro com a palavra escrita que cada vez mais se faz possível. Mulheres que povoam o mundo com histórias situadas que dizem de suas implicações com o mundo, que falam de afetação e experiência.

Mulheres que me são inspiração: as que conheço de perto; as que conheço de longe; da vida presencial e da vida virtual; também as que conheço por vídeo; as que conheço pelos livros. Chego na maternidade e nessa forma de narrar sobre ela através de mulheres que, contando suas histórias e as histórias de outras mulheres, produzem conhecimentos que são fundamentais para todas/os nós. Mulheres que produzem conhecimento no cotidiano de suas vidas. E é através do curso de graduação em psicologia que encontro forma de dar palavras escritas a uma pequena parte dessas histórias, e encontro em alguma parte da psicologia chão para essa experiência de narrar.

“Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da outra voz, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas.

Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência*”

(EVARISTO, 2016).

Início com o prefácio de “Insubmissas Lágrimas de Mulheres”, de Conceição Evaristo. Início inspirada por essa que brinda o mundo com sua *escrevivência* – como mulher negra, escreve no encontro com outras mulheres negras e possibilita um outro modo de contar essas vidas, no detalhe do acontecimento que somente ela parece que pode ver. Ela ensina que a palavra é algo que rasga. Que “escrever é uma maneira de sangrar” (EVARISTO, 2014). Início a partir dela porque sei que ela me possibilitou pensar as histórias de outra maneira, e a narração enquanto forma de dizer. Trago aqui todo o seu prefácio, pois sinto não haver forma de reduzir essa mensagem.

Início...

Veja bem. É bem difícil pra⁶ mim falar sobre isso, pode ser que eu precise de tempo, essa não é uma história fácil.

Quando eu engravidei me sentia muito bem, desfilava com minha barriga enorme pra todos os lados. Eu queria, sempre quis. Fui até o hospital de outra cidade quando chegava hora de meu filho vir.

Doía tanto, tanto, tanto. Não achava que existia dor dessas. Ninguém me dizia nada direito. Eu quis anestesia mas não sabia que depois não ia conseguir fazer força. Que força era que eu devia fazer?

Eu fui muito sozinha nesse tempo. Eu não tinha informação. Eu tinha poucas pessoas por perto.

Em algum momento que não sei dizer qual ele nasceu. Nasceu e não chorou.

Eles pegaram ele, levaram ele. Eu via eles mexendo nele. Ninguém me dizia nada. Disseram que ele tomou muita água mas não disseram pra mim. Foi pra UTI e eu ainda não entendi por quê. Fiquei horas sem ele.

O parto foi difícil e os primeiros tempos também. Eu era muito sozinha. Como que cuida de um bebê pequeno que mama de hora em hora e também cuida de uma casa? O pai dele não fazia muito. A gente morava junto mas era coisa demais. E nesse conflito de espaço e cuidado, enquanto eu vivia muito só, eu ainda ia até outra cidade onde mora minha mãe. Ainda precisei viver por dias longe de minha casa, fora de lugar. Era como se não tivesse mais espaço pra mim e pro meu filho.

De hora em hora. Eu não comia. Não dormia. Eu dormia, sim. Entre uma mamada e outra, sentada. Ele tinha um ano e eu ainda não podia passar tempo sozinha, não conseguia ir no banheiro direito. Eu não comia, eu não dormia. Tu tem noção?

Oduduá⁷

⁶ Durante as narrativas, a escrita pode variar entre a norma culta do idioma e também uma norma coloquial.

⁷ Os nomes escolhidos para estarem aqui vêm por inspiração em Renato Nogueira (2018). Este autor investiga, em um livro chamado *Mulheres e Deusas*, sobre mitologias gregas, iorubás, guaranis etc. e contribui na direção de pensarmos nos efeitos dessas histórias para as vidas das pessoas hoje. Apostando que talvez os mitos ajudem a pensar as desigualdades e hierarquias de gênero. Na esteira dessa inspiração, escolho para as mulheres nomes fictícios, que são nomes de deusas de diferentes culturas, origens, localidades do mundo. Será visto, no decorrer das histórias, que há diferentes nomes de diferentes deusas.

Escuta e Narrativa

Como contadora de histórias reais, a pergunta que me move é como cada um inventa uma vida. Como cada um cria sentido para os dias, quase nu e com tão pouco. Como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa. Como cada um habita-se.

Desta vez, fiz um percurso de dentro para dentro. Me percorri. Lembranças não são fatos, mas as verdades que constituem aquele que lembra. Essa é a minha memória. Dela eu sou aquela que nasce, mas também sou a parteira. (BRUM, 2014. p.7)

Eliane Brum traz nesse pequeno recorte de texto um jogo intenso com as palavras que se encaixa nessa escrita a partir de uma poesia única: ela é aquela que nasce a partir de sua própria história, contada e recontada através da memória. Aqui, me proponho escutar também sobre nascimentos e vidas enquanto nascem essas palavras que também contam memórias e que vão resultar uma certa escrita e que me faz aquela que nasce e também a parteira. Me proponho, portanto, a narrar as histórias e a narrar o processo de contá-las.

A criação de narrativas de uma história contada precisa, de início, da linguagem. Linguagem e memória são fundamentais para que uma história que foi conversa se torne uma narrativa passível de ser escrita e/ou contada. Conceição Evaristo (2016) nos diz que todas as histórias, quando contadas, são inventadas. E é necessário considerar o limite desse contar de histórias, entendendo que elas dizem de uma certa mistura: a palavra de quem diz, a escuta de quem ouve, o caminho entre a transmissão do encontro até a palavra escrita. Rastros. Rastros de memórias, de encontros com a vida cotidiana. Algo que é ficcional também vem, portanto, necessariamente chegando.

Entre a palavra que é escutada e a que se transmite sempre há uma diferença. E nesse caminho, através das histórias que construí haverá sempre algo não visto, não considerado, como em toda escuta. E é por considerar enormemente a sutileza desse trabalho de escrever com as histórias das vidas das pessoas que escolho não interpretar. Não se trata aqui, pois, de interpretar informações e com elas tirar conclusões. Se trata, sim, de construir narrativas a partir de conversas. De elas serem esse trabalho e a produção de conhecimento que se propõe aqui.

Oduduá é “divindade filha de Olorun e Olokun; primeiro orixá feminino e a responsável pela criação do mundo (2018, p. 154)

O processo de contar histórias a partir da escuta de vidas reais exige um olhar para o que é dinâmico. As vidas seguem em constante e infinita movimentação e transformação. E é preciso cuidado para que essas histórias não sirvam a quem as escuta. São independentes. Chimamanda remete a uma definição importante quando consideramos as histórias e as relações de poder e, no meu encontro com ela, aprendo que “poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa” (Adichie, 2009, p.03). É importante, seguindo essas pistas, seguir em uma escuta que permita as histórias voarem.

As narrativas aqui se fazem método. E é em busca de outra forma de contar histórias que me encontro com as autoras Moraes e Tsallis (2016). Enquanto contam sobre algo que chamam de "feminino na ciência", trazem que por muito a maioria das pesquisas tinham um objetivo: desvelar. Descobrir algo sobre um objeto, colocar luz sobre ele e falar sobre ele: comprovar a existência e categorizar. Elas dizem que as ciências humanas e sociais não necessariamente se mantiveram distantes dessa lógica e que nesse caminho, a escrita científica se manteve enrijecida (MORAES e TSALLIS, 2016). A escrita e a variação das formas possíveis de escrever em espaço científico passam a fazer questão. É preciso produzir outras formas de escrever.

As narrativas se fazem método. E não apenas para dar conta de uma metodologia, mas para terem lugar também de experiência. No meu encontro com as autoras Josselem Conti e Marília Silveira (2016), aprendo que as narrativas podem ser tratadas como parte do tecido da experiência, como uma parte sem a qual a ciência que se faz não seria possível (SILVEIRA e CONTI, 2016). A narratividade constitui uma maneira de fazer ciência.

O vínculo, a conversa, a escuta, a presença, o laço. Todos fundamentais desde a ideia desse trabalho até sua última linha – até seu último rastro de intervenção. A conversa não é mesmo uma intervenção? Valendo-me do conceito de "feminino na ciência", trago todas essas sensações e assumo elas nessa escrita; "o feminino na ciência se faz com a alegoria do laço, do vínculo. Mais do que afirmar a separação entre sujeito e objeto, o que está em cena é o vínculo, a conexão, o afetar e ser afetado no encontro com a alteridade" (MORAES e TSALLIS, 2016, p. 48). O meu encontro com as experiências narradas por diferentes e singulares mulheres é uma busca que pressupõe a horizontalidade e a alteridade como fundamentos.

É importante dizer que esse trabalho parte de um campo híbrido. Se é que podemos pensar nessa divisão departamentalizada⁸ dos fazeres psi – o que realmente me traz várias dúvidas –, meus caminhos de pesquisa acadêmica têm sido os da psicologia social – com foco em mulheres, direitos sexuais e reprodutivos e maternidade; e também, meus caminhos são os da clínica de orientação psicanalítica. Faço uso de ferramentas desses dois campos para sustentar o lugar de cada história como singular. E esses dois campos ainda não comportam toda experiência que se coloca aqui, que parte dos encontros que faço com a vida desde que ela é. Esse híbrido diz de uma implicação com o diálogo, e também com a escuta do meu processo que andarilha por diferentes lugares.

Essa escrita tem uma inspiração cartográfica: como na direção de uma cartógrafa, narro o que posso a partir de um acompanhamento de processos. Esses processos são os que atravessam essa escrita a partir de mim, enquanto me coloco de encontro com esse TCC e enquanto no dia a dia a cada passo ele me afeta; também os que atravessam e os encontros com as pessoas que dialogam comigo para e com essa escrita, as que compartilham comigo experiência, as que me escutam e me orientam, as que sei que vão ler, as todas que um dia farão – se é que farão – seus usos como bem quiserem do que registro aqui. Que dizem da minha captura de processos, que diz um momento presente, de um interesse, de um desejo. Que diz de mim e de uma determinada política de escrita que privilegia o encontro e os processos de construção das histórias. No meu encontro com por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliane Escossia vejo uma proposição importante: “Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (PASSOS, KASTRUP e ESCOSSIA, 2015, p. 10). Também a partir da pista de cartógrafas e cartógrafos me deixo decidir do que se trata esse trabalho a partir de sua passagem... O método é uma invenção que vem para tentar dar conta de algo que acontece enquanto o pensamento e a escrita acontecem; os objetivos vão vindo ao passo que vou me encontrando com as pessoas com as quais me propus a dialogar. Há que se ser inventiva nesta incursão, seguindo pistas oferecidas pelas/os autoras/es citadas/os acima.

⁸ É importante situar que o curso de Graduação em Psicologia da UFRGS é dividido em três departamentos: Psicanálise e Psicopatologia, Psicologia Social e Institucional e Desenvolvimento Humano e da Personalidade. Partindo dessa categoria, é possível que as inserções de formação e as/os estudantes em si se vejam necessitadas/os de estarem vinculadas/os em um ou em outro. A dimensão do entre pode vir a se perder, portanto.

Essa escrita tem uma inspiração psicanalítica: como na direção de uma analista dou valor ao poder das palavras. Ao poder e também não-poder. Dou valor a esse lugar de quem conta e se apropria de sua história a cada palavra que diz. Mas que só o faz a partir de um lugar que exige uma vulnerabilidade para que se repense uma mesma história a partir de uma outra contação. A mesma história vira outra história. Escuto a partir de uma ética, de uma escuta ativa que não se tenta interventiva. Inventiva, apenas. Despretensiosa, talvez. A escuta é então um sinal de uma ética. A escuta enquanto intervenção é o que me traz até a não-interpretação das histórias que escuto; ela dá o laço dessa escrita numa determinada experiência de entender e não entender as vidas das pessoas. As palavras dão passagem à existência, costuram os sentimentos e os sentidos, registram um tempo e uma sensação. Como na direção de uma analista, ou bem – e por que não? – uma escutadeira, me coloco à disposição do encontro com as palavras que eu escutar, permitindo que elas façam o efeito que precisam fazer, que façam o laço que precisam fazer.

A partir de muitas pistas e muitos encontros sigo a escuta e a narrativa em busca de histórias de mulheres que são mães e queiram contar algo de suas experiências. E, como nos indica a autora Josselem Conti (2015, p. 8): “Histórias singulares, locais e situadas tem a força de multiplicar as versões, tem a força política de refazer o que conta e o que não conta no mundo. Contar histórias, muitas histórias, nos faz compor um mundo mais rico e denso.”

A primeira mulher que escutei nesse percurso⁹ vou chamar aqui de Hathor¹⁰ – conhecida de longo tempo. Mulher, mãe, doula. Lembro de quando engravidou e acompanho desde então seu trabalho que passa por fornecer informação sobre muitas e tantas formas de se ser mãe.

Foi a primeira pessoa para quem escrevi: quando digo o que pensei em escrever e no que ela pode contribuir com sua vivência, me responde com sua alegria em saber desse tema e que vai ajudar em tudo que puder. Sou bem acolhida desde o início no meu desejo de escutá-la.

Marcamos, depois de algumas tentativas, nosso primeiro encontro. É um desafio que consigamos esse tempo. Já estou com ela no tempo da maternidade – atravessado pela disponibilidade de toda uma rede. Ofereço que nos encontremos em qualquer lugar, inclusive em sua casa. Hathor é mãe de um bebê de 01 ano e 04 meses; precisa acionar uma rede quando não vai estar com seu filho.

É com leveza e alegria que vou até ela. É assim que iniciamos e terminamos nosso encontro dessa segunda-feira em Porto Alegre. Finalmente, ela diz. Penso, também.

Conversamos um bocado sobre a vida. O clima é de amigas que se encontram. Escuto o que ela diz esquecendo que tem um destino: é como se não tivesse, e talvez não tenha. Essa conversa é uma experiência por si só. Esqueço que há um motivo para nos encontrarmos, só estamos ali.

Hathor conta sobre como é viver com um homem, como é o caminho de formiguinha de desconstrução que faz para que ele aprenda a fazer algo do tanto que ela faz pelo filho. Conta do desafio constante para que ele aprenda... que mesmo ele sendo uma pessoa fantástica, o que carregamos do machismo até hoje é tanto que se faz presente em cada ato, em cada preocupação que ela tem a mais, a cada disponibilidade que ela tem a mais, a cada cansaço a mais que supostamente ela não sentiria.

⁹ As histórias não estão dispostas em ordem cronológica. Acompanham apenas um processo de pensamento.

¹⁰ Hathor é uma deusa egípcia. Deusa das mulheres, da dança, do canto, da fertilidade. Na direção de Renato Nogueira: “As deusas são representações coletivas do passado que retratam as ambiguidades e disputas humanas protagonizadas pelas mulheres em contextos sociais e culturais diferentes, mas que se mantêm atuais (2018, p. 16).

Ela fala sobre como é escutar mulheres no seu trabalho de doula. Diz que as mulheres precisam e demandam acolhimento sem julgamento, que são já muitas perguntas, e que as dúvidas só aumentam.

A alteração hormonal é muito grande e seu efeito também. Além do efeito em seu corpo, o efeito nas pessoas. A deslegitimação de uma mulher grávida é grande demais. Hathor vai falando e se dando conta: “já é tanto que acontece e ainda existe toda uma incredibilidade”.

Mas sinto que atropelo a história, vou voltar um pouco:

Hathor é mulher. Mulher. Mãe. Doula. Filha. Esposa.

Quase que em um convite, traz as palavras em torno de um ser mulher nesse mundo. Vamos falando. O encontro é fácil.

Fala sobre a casa, o cuidado com a vida, a dinâmica complexa entre seguir sendo mulher, sendo mãe. Fala com ânimo e tranquilidade sobre o que vem contar. Tanto que, depois de uma ou duas horas de conversa é que me pergunta: “mas o que é o teu trabalho mesmo”? É tarefa rotineira para Hathor falar sobre maternidades: ela é doula e acredita na informação de qualidade para a emancipação dos partos, das mulheres e dos nascimentos. Muito vive e muito morre nessa travessia, conta. Há muito trabalho a fazer. As pessoas não sabem muito lidar com essa geração de mulheres que são mães e que se dão conta que gerar vidas envolve muito poder, diz. “Lá em casa, sobre a vida dele (seu bebê) e a rotina, quem decide sou eu; eu estudo, vou atrás, leio, pergunto, converso, me informo, decido”.

É alegre em contar muitas histórias.

Quando engravidou, iniciaram-se os estudos. Muito lia, anunciava o que lia para as pessoas da sua rede. Informou as pessoas. Encontrou maneira de estudar o tanto que precisava para se empoderar em relação ao parto. Disse às pessoas o que precisava. Quando o bebê nasceu, Hathor precisava e exigiu que ninguém pegasse seu bebê de si. “Não podia fazer diferente, era isso que eu sentia”, conta. “As pessoas tiveram que aprender que nesse momento eu tinha um espaço restrito na vida”.

Uma vez, num encontro com amigos, estava ela, o companheiro e o filho. Bebê de 1 ano e 4 meses, nesse tempo. “Agora ele caminha por tudo, sobe por tudo, em um segundo que tu não viu tu não sabe onde ele tá”. Conta que não para de pensar nisso, nem se quisesse: “é sempre uma sensação de alerta em relação a ele, eu não desligo”. Conta que nesse dia havia uma churrasqueira no chão, e que seu filho estava com ela e que em um momento foi até o pai, que estava logo ali na frente. O pai não se deu conta.

...

Quando viu o que aconteceu correu, pegou seu filho, e foi embora.

A preocupação que sente o tempo todo em relação à segurança de seu bebê é algo que ela não sabe como ensinar para o companheiro. E fala criticamente sobre o trabalho que tem tido em tentar transmitir a ele os detalhes e os não-detahes sobre o que, a duras penas, descobre em relação ao cuidado de um bebê. No seu nascimento enquanto mãe, sente que precisa ajudar no nascimento de seu companheiro enquanto pai. “É uma aula por dia, sempre me sinto no lugar de ensinar; cansa, sabe? Às vezes parece que ser mãe-solo pudesse ser menos cansativo”. E ela diz de seu privilégio no exercício da maternidade, por não ser sozinha, por contar com uma rede de apoio. E diz: “e é bem difícil, imagina como é para outras mulheres”.

Hathor diz que se deu conta que o controle da sua vida nesse momento era seu: tinha um bebê para inserir no mundo. Quem tomava as decisões era ela sobre a vida de seu bebê – e que isso fez com que ela soubesse, finalmente na vida, que era ela que sabia de si. Aponta que por vivermos na sociedade patriarcal que vivemos, as mulheres passam a vida procurando a tutela de alguém, procurando a aprovação de alguém. E que no momento que foi mãe, uma chave virou. Que aprendeu algo para a vida que não se desaprende.

Também fala sobre deixar de si por um momento, pelo maternar que escolheu para si. “Cada mulher desenvolve isso de uma maneira”. E que, mesmo sabendo muita informação de qualidade – que, enfatiza, muitas mulheres não o tem –

existe muita possibilidade de autoanulação, culpa, e desconexão com a mulher que se é e continua sendo quando se torna mãe.

É um caminho de muitas transformações. Há muito o que se fazer para que as mulheres estejam cada vez mais emancipadas para viver suas maternidades. Há muito o que aprender.

É preciso rede de apoio para sustentar o início de uma vida.

Experiência e palavra

Eliane Brum compartilha que a morte e/ou a escuridão é o mundo sem as palavras (BRUM, 2014). No meu encontro com essa autora muito se produz enquanto leio sobre como ela iniciou sua relação com as palavras. E eu entendo que são as palavras que nos inscrevem nesse complexo todo que podemos chamar de vida. As palavras viram chave que num giro transformam acontecimentos em experiências e a linguagem vem como possibilidade de significar e registrar toda sorte de sensação: boas, não-boas, quase indizíveis. A maternidade, vivida de forma tão corpórea por tantas mulheres, aparece aqui enquanto experiência, através das palavras.

Quem me contou o que contou, escolheu. Escolheu o ato de estar comigo e me contar algo. Escolheu talvez – na medida do que é possível – as palavras. Parto de um pressuposto: quem diz não escolhe tanto assim; entendo que as palavras são indomáveis, que elas nos escapam; que podem mais do que o pensamento pode supor; vão além. As pessoas que se encontram comigo através do meu convite de que me contassem suas experiências, suas histórias, seus dizeres... elas o fazem sabendo. Sabem que a escrita vai se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia e que escuto e converso enquanto psicóloga em formação – mas o que isso significa, no detalhe, podem ser muitas e muitas coisas.

É necessário saber que essas histórias são aqui incorrigíveis. Como em uma produção cinematográfica do cotidiano, uma fotografia, um recorte. Em uma ideia de saber localizado como a postulada por Donna Haraway (1995), oferece-se passagem para histórias que dizem algo do que são. De vidas e mulheres e maternidades que se tentam no desafio de transmitir algo de uma experiência que pode estar no registro do indizível. Assim considerado, o que é contado aqui não necessariamente representa ou reproduz o que eu, ou a psicologia, ou a UFRGS, pensamos sobre a temática. Não se trata disso. O que é contado aqui não necessariamente diz de um ideário conceitual e político – na verdade, necessariamente não corresponderiam a essa expectativa. Seria impossível. Afinal, são as experiências. A vida como ela é, para essas pessoas, no detalhe dos acontecimentos cotidianos.

Essas histórias são aqui incorrigíveis e dizem de um recorte de tempo, de uma vida, vista e escutada por mim, num determinado dia, numa dada condição e tempo. No meu encontro com Maria Paula Meneses, sou lembrada de que “qualquer conhecimento

é necessariamente parcial, situado, produzindo efeitos múltiplos e contraditórios” (MENESES, 2008, p. 1).

A ideia de experiência que me faz sentir essa escrita faz diálogo e é inspirada na ideia de Jorge Larossa, como aquilo que nos passa, nos acontece, nos toca (BONDÍA, 2002). Me passa, me acontece e me toca a maternidade. Me faz efeito. E me instiga como ela pode ser contada a partir de algumas pessoas que a vivem. E é partir desse recorte de temática que essa escrita se materializa, no traçado de um caminho de vida-pesquisa-existência. Me encontro com Larossa e entendo que ele nos brinda com esse texto que tanto diz. E me pareceria estranho – para dizer o mínimo – não trazer as suas palavras até aqui com exatidão:

O que vou fazer é, simplesmente, explorar algumas palavras e tratar de compartilhá-las. E isto a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. (pp. 20-21)

Experienciar as palavras de maneiras outras é produção de sentido. Como indica o mesmo autor, tem a ver com as palavras a forma como nos posicionamos diante do outro, de nós mesmos, das pessoas, das coisas, da existência. Tem a ver com as palavras o modo como agimos em relação a tudo isso (BONDÍA, 2002).

O homem¹¹ é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. (p. 21)

A partir das histórias procuro me deixar ser afetada pelo saber de experiência. E, trazendo essas ideias todas a esse trabalho, mesmo diante da primeira escuta que fiz, me vi divagando... Por onde passam esses conhecimentos que as mulheres-mães produzem? Onde essas histórias circulam? O que posso produzir diante da minha afetação? Sigo tentando costurar novas perguntas sabendo que escolho me encontrar com um tema e

¹¹ Tomo a liberdade de escrever essa nota a partir de Larossa. Mesmo entendendo que o termo que usa para designar o ser humano não é incorreto, é um termo absolutamente fora do eixo dessa escrita. Entende-se aqui, portanto, que é de ser-humano que se trata suas informações. As palavras produzem sentido. Que produzamos com elas.

experiências vastas, singulares e infinitas. Sigo pistas na construção desse trabalho de escutar e narrar a partir de traços e um dos valiosos trago aqui:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LAROSSA, 2002, p. 24)

Me parece tarde para entregar essa dica de leitura mas, de toda forma: é o encontro que produz um constante recorte nessa escrita. Não há sumário, pois não há prévia do que acontece adiante. É preciso estar diante de um outro tempo, talvez do inconsciente. Escrevo em associação livre pois, primeiro, todas as histórias passam por mim. Escrevo ora com autoras/es, ora comigo mesma e ora com as mulheres-mães. Existem rupturas entre uma narrativa de histórias e uma narrativa teórica. E isso acontece não para confundir. Mas para narrar, desde o início, o processo desse TCC.

Através de palavras e de experiências de outras mulheres e das minhas; através do encontro com a experiência, a escuta das vidas que podem algo contar é o que me parece uma saída possível para dar conta de narrar de processos de maternidades. Para tanto, o encontro com o saber da experiência dessas mulheres é fundamental e, aqui, esse saber da experiência é entendido como aquilo que se adquire a partir da produção de sentidos sobre a experiência; como aquilo que se adquire diante da resposta de cada ser humano diante daquilo que lhe passa, lhe toca e lhe acontece (BONDÍA, 2002).

Parvati¹² é uma mulher que é mãe de um menino de um pouco menos de três meses. É puérpera. Havia já pensado sobre ter filhos e era uma vontade, diz. Mas o momento em que engravidou não era esperado.

Ela me diz ter conhecido o pai de seu filho em um momento estranho de sua vida. Tinha algumas dívidas, se sentia atrapalhada, tinha problemas no seu trabalho que era autônomo. Saiu num dia pra encontrar um homem que conheceu através do *tinder*¹³. Bem, quando o viu, logo mais, ele solta: “eu trabalho com crianças pequenas, meu sonho é ser pai”. Parvati brinca que nesse momento engravidou. Se encontraram nesse dia e de novo, dias depois. Um segundo encontro. Usaram camisinha. Horas depois, ela compra a “pílula do dia seguinte” e toma. Não se viram mais.

Gostou de conhecê-lo, ele não mais entrou em contato. Passaram dias e dias. Não menstruou. Comprou um teste de gravidez. Positivo. Era noite, deitou e dormiu. Não sabia o que sentia, não era possível. Não queria que isso tivesse acontecido. Foi pega de surpresa.

Falou com uma amiga que fez o procedimento de aborto. Estava decidida. Encontrou alguém que vendia. Usou seus últimos reais e comprou 4 comprimidos. No carro, enquanto esperava, ligou para aquele que seria o pai de seu filho. Queria que pelo menos ele dividisse com ela aquele momento. E aconteceu. Ele não atendeu, ela escreveu, ele ligou. Se encontraram, ele pediu que conversassem. Conversaram. Ficaram juntos por alguns momentos. Conversou com outras pessoas. Não se sentia bem. Os comprimidos, ali.

Conversou com outras amigas, escutava delas coisas diferentes. Ele queria que eles tivessem o filho, prometia cuidar. A escolha era dela. Ela... não sabia o que sentir e menos ainda o que fazer. Passou o fim de semana em companhia dele e algumas sensações a faziam considerar a possibilidade e foi assim que decidiu conversar com a sua mãe e, depois disso, decide deixar os comprimidos guardados. “Eles ainda tão ali”.

¹² Parvati é uma deusa hindu, deusa do amor e do romance.

¹³ Tinder é um aplicativo de relacionamentos em que as pessoas escolhem com quem conversar a partir de um perfil.

“Não foi a gravidez dos sonhos. Eu me preocupava o tempo todo. Não sabia onde ia morar, como ia cuidar, da onde ia tirar dinheiro. Nós começamos a namorar mas é difícil. A gente nem se conhecia. Era tão estranho. Chegamos a terminar. Fiquei um tempo sozinha e grávida e isso eu também não queria. Eu quase não acredito quando lembro. Ele me ajudou com dinheiro, mas tava bem difícil pra mim. A gente voltou depois de um tempo. Eu não sabia o que sentia nem por ele nem por mim nem pelo bebê. Levou um tempo até eu chamar assim. Eu não dizia que eu tava grávida, sempre achava outro jeito de dizer.

O tempo passou e fui chegando perto de entender o que acontecia. Comprei algumas coisas, fiz o pré-natal, pensei em como desejava parir. Faltava muito tempo quando senti a primeira água escorrer. Era muito cedo. Fomos pro hospital e me mandaram de volta. Eu não me sentia bem. Meu médico desapareceu. Ele ia fazer meu parto e desapareceu. Nunca mais nos falamos. 7 meses. Era cedo. Encontrei uma ginecologista que me ajudou muito. Fui em outro hospital e de novo me mandaram embora. A médica me examinou e viu que era a hora. Escreveu isso pra mim. Voltei pro hospital e daí, sim, aconteceu. Eu sentia tanta dor que não sei como sobrevivi. Eu não via as coisas acontecerem e quando me perguntaram se eu queria anestesia eu só gritei que sim! Mas aí eu não tinha força e não sabia que força fazer. Em algum momento alguém me disse pra fazer alguma força e foi assim que ele nasceu. Tão roxo. Fiquei apavorada. Levaram ele e ele ficou na UTI. Ficou na UTI pelo tempo a mais que ficou na minha barriga porque me mandaram embora.

Eu o vi. Recém nos conhecíamos. A gente já ama quando recém saiu de nós? Eu honestamente não sei. Eu sei é que me preocupei muito e que vivi rotina de hospital por muitos dias.”

Ela me mostra as fotos de um pequeno bebê em meio a muitos fios e acessos. A mãe dela, que hoje está visitando e arrumando a casa e ajeitando tudo, faz um bolo de cenoura enquanto também escuta a história. Vamos até o quarto e ela troca a fralda. “A mamãe tá contando a minha história, ela fala demais” – brinca através de seu bebê que está ali, junto de nós.

“Rotina de hospital, eu tava exausta. Queria muito levá-lo pra casa. Mas por um lado até foi bom porque eu não sabia trocar uma fralda. Eu aprendi lá, vendo as enfermeiras. Ninguém ensina essas coisas. Eu ia ordenhar duas vezes por dia. Ele precisava do meu leite e eu precisava ir tirar para que pudessem dar a ele e ele ganhasse peso pra poder sair do hospital. A vida dele dependia de algo que subitamente meu corpo passou a produzir.”

Entre um choque e outro vai contando essa história e assim nosso encontro dura cerca de 4 horas. Comemos bolo, tomamos chimarrão. A mãe dela diz que é bom que eu esteja ali, assim não ficaria sozinha. Ela diz da rotina, do tempo que passa somente com seu filho e diz que gosta muito, que é até melhor. A maior parte do tempo é assim, diz. Ela e ele. E quando alguém chega e vem visitar, ela vai tomar banho, vai lavar os cabelos, ajeitar algumas coisas. E quando a sua mãe vai visitar, dá um jeito na casa. Não é mãe-solo. Ela e o pai de seu filho vivem juntos. Ele tem trabalhado muito, diz. “E ele tem pagado para que eu possa estar aqui com meu filho. E pra mim, tudo bem. Eu me sinto bem. Minha vida deu uma volta gigante e aqui estamos. Eu sou mãe”.

Por que as mães?

Que tema é esse, maternidade, afinal? Que mais se tem a dizer sobre algo tão presente no discurso social? Como se inclui nas escritas acadêmicas esse conhecimento que acontece, se passa, e se transforma nos encontros da vida cotidiana? Nos espaços de produção de conhecimento que vão muito além da Universidade? Essas são minhas perguntas iniciais.

Cada história de vida é uma. Cada história sobre maternidade também. A partir da afecção de cada uma e que comporta, sem dúvidas, desejos, angústias, arrependimentos, aprendizados, dores, cuidados. No meu encontro com Juçara Clemens (2016) algo se confirma:

Mesmo cada uma tendo uma história para contar como sua, ela nunca será a mesma a cada dia e nem com o passar dos anos. A mulher e a maternidade se recriam, se contam e se recontam a cada novo episódio, a cada novo filho(a), a cada novo encontro entre mulheres, a cada novidade que o imprevisto da vida apresenta.

E é fundamental considerar essa multiplicidade para que não se tente universalizar tais percursos de vida e tais encontros.

Uma das interlocutoras que inspira esse trabalho é Priscilla Bezerra Barbosa que em 2017 publicou um livro que me toca profundamente – se chama “O filho é da mãe?” – a partir dessa pergunta provocativa e, a partir de muitas histórias que escutou e da sua experiência na maternidade, nos diz:

Desde que me tornei mãe, venho passando por um processo de descobrimentos sem fim. São novas visões de mundo, novas sensações, novos medos, supostas obrigações, novos prazeres e dificuldades, muitas dificuldades que, inicialmente, me pareciam inenarráveis pelo fato de que se apresentavam falsamente como uma questão particular e tão somente minha, que não careciam ser expostas ao mundo (BARBOSA, 2017, p. 13).

A separação entre o que se chama público e o que se chama privado aparece aqui como um fenômeno social. Fenômeno esse colocado em análise pelas autoras Cássia Carloto e Silvana Mariano (2010). E a partir do meu encontro com estas, trago que

[...] a esfera privada, associada ao espaço doméstico, cumpria a tarefa de atender às necessidades de seus membros, enquanto a esfera pública, entendida primordialmente como espaço político, reservava-se aos indivíduos livres dos constrangimentos impostos pelas necessidades. (p. 453)

Elas contam ainda que são inúmeros os estudos feministas que apontam para as perversidades dessa divisão e que esta é associada a muitas dicotomias e binarismos como homem e mulher, político e doméstico, cultura e natureza, produção e reprodução, lembrando que esta divisão sempre acontece às vistas de estabelecer o lugar das mulheres como inferior em hierarquia. E dizem que, para essa divisão tão presente na nossa sociedade, “a mulher está para o mundo privado e doméstico assim como o homem está para o mundo público e político”. (CARLOTO e MARIANO, 2010, p. 453).

Priscilla nos conta sobre isso em seu livro; e também podemos sabê-lo a partir da escuta de pessoas que desenvolvem trabalho materno e doméstico e que precisam o guardar para si – como se isso se encontrasse restrito à esfera privada. Essa mãe e autora nos presenteia dizendo que o mundo social – o mundo do trabalho – definitivamente não se reajusta a partir do ingresso das mulheres. Que não há uma reorganização para o acolhimento das mulheres. Em sua análise, o que parece o fator que mais pesa sobre as mulheres é o que acontece socialmente – a exclusão, a falta de acolhimento – e não exatamente a maternidade e filhas/os.

Tenho a impressão que a partir da chegada de um filho, assinamos um contrato em que há uma cláusula que dá plenos poderes ao mundo para nos esmagar e marginalizar, entretanto, vejo nisso tudo, muitas mulheres se movimentando dentro de suas possibilidades de vida, para rejeitar tal ancoramento (BARBOSA, 2017, p. 17).

No meu encontro com a autora vejo que ela aposta que somente a partir da escuta das mulheres atravessadas pelas obrigações e responsabilidades advindas com a maternidade é que poderemos ter qualquer noção sobre a quantidade de custos pagos por cada uma delas para estarem para além de seus lares (BARBOSA, 2017). E é seguindo essas pistas que penso a experiência enquanto principal ideia para o objetivo que tenho.

A escuta de histórias de poucas pessoas que acontecem através do meu percurso de vida é uma invenção – uma maneira de dar conta da necessidade de haver um método. Escutar mulheres que são mães é um objetivo. Oferecer lugar para essas narrativas é um objetivo. E sabe-se aqui que o recorte que é feito nesse trabalho acontece justamente para oferecer espaço para essas histórias. Essa escrita acontece a partir da escuta de mulheres que são mães. E isso inclui, portanto, a escuta de unicamente essas pessoas. Sabe-se aqui os limites que existem em relação à totalidade da maternidade; e é a partir desses limites que esse trabalho se constrói. Não se intenta aqui universalização, mas sim contar de percursos singulares. E que, analisando socialmente, retratam lugares de existência

restritos: são mulheres cissexuais, mães biológicas, inseridas em um contexto de desenvolvimento social e intelectual e em sua maioria branca.

Lembro que as experiências narradas aqui não serão interpretadas em nenhum momento deste texto. E o que intento com isso é, além de me colocar enquanto alguém que escuta, deixar que algum efeito aconteça. Sem dúvidas, efeitos diferentes para cada pessoa que ler. Intento que essas experiências coloquem em discussão, no mundo acadêmico, essas histórias que por muito parecem fadadas à restrição da vida privada. Tornemos público algo dessas histórias. Não apenas para que sejam expostas, mas para que se faça a politização das maternidades.

Retornando a ideia de experiência e saber da experiência a partir de Larossa, entende-se aqui essas histórias contadas a partir do saber da experiência, que dizem de uma singularidade, de uma existência. Nas palavras do autor “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (p. 27). E ele completa: “se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência” (p. 27). A partir disso, pontua-se o lugar situado de cada palavra que vieram dessas mulheres-mães que se encontram comigo a partir de um primeiro combinado: “eu não vim escutá-la para interpretar tua história, ou para tentar dizer o que a maternidade é; intento contar a tua experiência”. E é a partir disso que, em algum momento, me dei conta que eu realmente não iria interpretar as histórias dessas mulheres.

É importante dizer que sou atravessada pelo feminismo e escrevo a partir de ferramentas que o movimento feminista me ofereceu. Sabendo de tantas vertentes diferentes que existem no movimento, é importante pontuar que o entendo aqui enquanto uma política que representa a luta das mais diversas mulheres em busca de seus direitos e contra as violências que acontecem a partir das desigualdades de gênero presentes no sistema patriarcal. Maternidade e feminismo estão profundamente relacionados. A maternidade e o trabalho doméstico são utilizados enquanto ferramentas de dominação de gênero e o trabalho materno, bem como o trabalho doméstico, são até hoje incumbidos às mulheres que, por muito, são excluídas socialmente e ainda não remuneradas. Quem nunca escutou uma mulher em idade reprodutiva dizendo que foi perguntada, em entrevista de emprego, se tem ou deseja ter filhos? Quem já ouviu o mesmo de um homem em idade reprodutiva?

Chimamanda fala e escreve com muita sabedoria quando lembra que foi “aconselhada” a não se dizer feminista, porque essa afirmação lhe traria um peso

negativo. Ela lembra, na sua fala e livro “We should all be feminists¹⁴”, que queria ser escolhida monitora de sua turma em sala de aula e que, para tanto, deveria ser a aluna com a nota mais alta – e foi. Mas para seu espanto, a pessoa escolhida monitor deveria ser um menino. Ela tinha 9 anos e nunca esqueceu. Não foi escolhida monitora. O menino, com a segunda nota mais alta, foi. Ela lembra do quanto e evoluímos mas também, do quanto ainda “deixamos a desejar” (ADICHIE, 2014). Que traçamos um paralelo entre o que diz e todas as mulheres dizem o tempo todo. É preciso que escutemos as mulheres, sempre.

¹⁴ Sejam todos feministas.

Lembro enquanto escrevo que fui criada com muitas pessoas.

Uma vizinha, dona fulana, ficava comigo de manhã. Tinha mais crianças do que na minha casa. Na minha casa era só eu. Ela tinha netos, a gente brincava...

Uma outra vizinha, dona cicrana, me “olhava”, no contra turno da escola. Às vezes me olhava e olhava mais uns. Meninos, sempre. Nunca tinha meninas. Ela era avó de dois amigos, um não mais entre nós, a gente brincava...

Uma outra vizinha ainda, prima de um amigo. Ela era mais nova. Me levava na escola, não tinha mais crianças nessa casa. Era eu e ela. Todos os dias, por um tempo. Nunca soube nem pude encontrar na memória por quanto tempo fiquei na presença e sob olhar dessas outras pessoas que cuidaram de mim. Éramos nós, a gente brincava... e comia... e andava pelas ruas... e jogava vídeo-game...

E tinha também os meus irmãos, mais velhos que eu. Cuidaram de mim todos os dias por algum tempo. De pouco disso tenho memória. Lembro sim quando eu já devia ter uns 7 anos e mais... Eles ficavam comigo todos os dias, eu acho. Faziam comida, me levavam na escola, brincavam comigo e olhavam tudo. Às vezes um, às vezes o outro, às vezes os dois.

Parece quando lembro que todos vivemos juntos na mesma casa. Que era aquela rua onde morei. Todas as crianças e as mães, tias, avós, irmãs e irmãos. Que todos estivemos juntos no mesmo recorte de tempo.

Esses dias eu assistia uma série, num momento qualquer. Uma série de que gosto muito.

Tem uma personagem que está gestante, e que passa por uma gestação de risco. A bolsa rompe. “É muito cedo!”, grita. Vai de ambulância até o hospital. Correria, medo. Fica internada. O coração do bebê parece ter parado. Cesária de emergência. Que angústia que me acomete. Segue a cena. O pai do bebê vem contar que ele nasceu bem; que é muito pequeno. Ela, nos primeiros dias, canta para seu filho, que é mesmo muito pequeno. Fica com ele, o tempo todo. Passou por uma cirurgia, doa-se. Já o pai... vem e diz a ela que não consegue ver seu filho entre tubas e fitas hospitalares, que só vê dor.

Esse tipo de acontecimento retratado em uma série de tv me faz revirar uma das mais minhas raivas mais íntimas. Como pode ele se dar o direito de além de não ajudar, ir pedir a ela que o tome também como filho? Me encontro indignada refletindo sobre essa cena-acontecimento.

Nós vamos nos encontrar em um dia de sol. Vou ir de bicicleta já que nesse dia estarei enérgica. Chegarei adiantada, vai ter algo dessa experiência que vou querer precipitar. Eu vou sentar numa praça e avisar ela, desajeitada, que estarei ali. Ela vai me pedir, com muita doçura, que eu vá até a casa de sua mãe, ela dirá: “acontece que minha filha está dormindo logo agora, se puderes vir até aqui não precisaria acordá-la”. Será uma honra pra mim. Ela vai me receber com bastante afeto e eu vou me sentir assim: acolhida. Acolhida em meu desejo de escutá-la. Eu vou me sentar num sofá, notando pelo caminho os brinquedos organizados pelo chão. Eu darei oi e um abraço em sua mãe, que estará por perto por bastante tempo.

Atena¹⁵ vai me contar sobre seus dias, parecerá que já nos conhecemos. Vai dizer que não mora ali, que passa parte do tempo. Vai me contar sobre o que estuda, sobre seus estágios. E depois de alguns minutos é que ela vai me perguntar como será a escrita essa do meu trabalho. E eu vou dizer o que me vem. Eu não vou tentar preparar algo para dizer. E ela vai então me perguntar se sei do quão diferentes as experiências são, perguntando também se procuro o que é singular. Será isso mesmo. Ela vai perguntar se vou gravar, vou responder que não. Então ela me dirá algo que não vou esquecer: “ah, então é uma escuta livre”.

E ela vai contar um pouco da história que eu disse que me levava ali. E nesse momento eu já vou ter aprendido e me deixado afetar por tanto que seria do meu interesse.

Ela vai contar que a primeira coisa que devo saber é que por muitos anos ela foi praticante numa igreja evangélica; e que muitas coisas aconteceram na sua vida quando decide deixar essa prática. “Toquei o terror”, ela vai contar. Conheceu um cara no *tinder*, se viram uma vez e se reencontraram. Tomou DIAD. Descobriu-se grávida desse encontro. Saberá as datas com exatidão. Sofreu muito, não queria ser mãe, não naquele momento. Ela vai pedir ajuda de amigos

¹⁵ Deusa grega da sabedoria e da guerra.

e comprar citotec, vai pra casa da mãe de um amigo que vai ajudar, é em Guaíba. 6 comprimidos, por baixo, as pernas pra cima¹⁶.

Sua mãe vai passar entre nós nesse momento, eu vou estar no sofá; Atena, na cadeira. Atena vai me oferecer chá e eu vou aceitar. E vamos tomando...

Sente e sabe que não funcionou, ela vai dizer. E também vai dizer que, em muito sofrimento, vai até a frente do rio... passa um tempo... olha em volta... sente que falar com ele pudesse ser boa ideia; e manda um áudio e ele liga de volta. Ela conta, diz que quer abortar, sabe que é sua escolha. Pede o dinheiro e eles se encontram dias depois. Uma volta de carro enquanto falam e no fim ele a entrega um envelope. Outra compra.

Tem um dia em que estava muito mal, naquela mesma mesa em que estávamos juntas sentadas. E nesse dia sua mãe vai perguntar se Atena estava grávida. E é quando diz que sim que sua mãe contará algo que Atena não sabia. Que ela havia feito um aborto e que se arrependia.

Atena sabe que vai tentar de novo e assim o faz, ali mesmo, nessa casa. Ela vai me apontar o quarto. 6 comprimidos, agora sublingual. E chás. Ela vai perguntar à sua mãe se foi dessa vez que teve febre, ela vai responder que teve diarreia e vão lembrar que febre também. Sua mãe pedirá que fale baixo, lembrará que a bebê está dormindo.

Ela vai dizer que sente que algo de si sabia que sua maternidade precisar acontecer. Depois de tantas tentativas de que não acontecesse. E ela vai lembrar do quanto sofreu. E que não queria ser mãe e que tinha medo. E que esteve e está em tratamento psicológico. Que viveu sua gestação solo; que muito estudou sobre esses processos – talvez como forma de materializar. Teve doula e seu plano de parto. Foi mãe-solo por um tempo; e ela vai contar que quando sua filha

¹⁶ Enquanto escrevo me coloco uma incômoda pergunta: pode um TCC contar de um processo de tentativa de aborto? E me recoloco a pergunta: pode um TCC que acompanha processos e conta de experiências de maternidades não contar de um processo de tentativa de aborto?

tinha 4 meses, Atena passou a ter um relacionamento com o pai de sua bebê. Vai contar que hoje são companheiros.

E em algum momento sua filha vai acordar e Atena vai buscá-la. Ela ficará junto com a gente. Vamos brincar enquanto sentamos todas no chão.

E ela vai contar que no começo não sabia como cuidá-la e que não queria ajuda das mulheres mais experientes da família. Ela vai dizer que foi muito difícil.

E que voltou a estudar, que sua mãe ajuda a cuidar de sua filha. Que nesse caminho conheceu muitas mulheres que empreendem como forma de inventar a partir dos imperativos do mercado e do preconceito com as mulheres-mães.

Ela vai dizer que não sabia o que fazer e que descobriu

Com ajuda

De muitas.

E eu vou me sentir grata, impactada, contemplada pelo presente que é uma história, por poder escutar esse recorte de experiência e presenciar essa contação. Vou me sentir inspirada e feliz. Vou processar aos poucos a minha experiência de escutá-la e viver aquele momento com aquelas três. Atena, sua filha e sua mãe.

Freia¹⁷ é mãe de todos, desde sempre.

Faz bastante tempo que conheceu o pai de seu primeiro filho – nunca mais o viu. Sabe que se hoje é complicado, antes era mais ainda. Criou com ajuda da sua mãe, mas parecia que tudo já sabia. Era irmã mais velha de outros 6 irmãos, cuidava... desde sempre.

Por um tempo, eram só eles dois. Ela e o filho brincavam, ela o ensinava tudo que podia. Ele falou, andou, cresceu e cresceu. Enquanto crescia, uma menina vinha a lhe acompanhar, teria uma irmãzinha. A barriga de Freia crescia e crescia. E seu pai. Era como um padrasto, pra todos. Difícil, bebia bastante e brigava muito. A menina foi crescendo, crescendo. Freia seguia, crescendo e crescendo, tentando cuidar de todos. Era esse seu dever. Teve mais filhos, se livrou daquele que era como padrasto. Não tinha muito dinheiro e ele ajudava mas precisou decidir entre cruz e espada. Aconteceu. Ela encontrou outros. Mas já tinha filhos, eles não queriam a família, a responsabilidade. Foi se virando, sempre o fez.

Sua vida foi passando e ela conheceu várias coisas, sempre com os filhos caminhando juntos. Ainda bem que caminham agora, há muito o que andar. Falaram, andaram, cresceram. Hoje, nem todos estão juntos. Sabe como é, seus irmãos também não.

E seus filhos tiveram filhos. E suas sobrinhas tiveram filhos.

Era sempre bom, podia de novo brincar, ensinar a falar e andar e ensinar tudo que sabia também. Toda vez lembrava de seus irmãos.

Parece que esse cuidado com os irmãos ajudou no tempo todo. No seu trabalho, também cuidava pra sobreviver. Os filhos de outras pessoas que também foram crescendo. Aprendia com as mais velhas, repassava para as mais novas. Era assim.

E ela seguia, crescendo crescendo. Cuidando cuidando.

¹⁷ Divindade da mitologia nórdica. Deusa do amor, da sexualidade, da fertilidade, da atração.

A mãe-passarinha precisa de tudo fazer pela sobrevivência de seu filhote e este – de um tempo a outro – voa para longe. A vida de um passarinho parece repleta de rupturas. Numa hora, presença; noutra, ausência. Diante desse paradoxo essa escrita vai chegando ao seu encerramento. Sabendo que não há somente início e fim.

E antes disso, preciso assumir: quando gastei essa ideia não poderia dizer de por onde a escrita andaria... E hoje, meses após minhas primeiras palavras, sinto o efeito dessa construção de escuta e escrita sem poder bem explicar como suspendo esse trabalho neste momento.

Cada palavra registrada aqui veio num rasgo único e me tirou algo que precisava ir. E é assim que vejo que nesse momento, posso ver essas palavras voarem e assim posso ver que sei voar também.

Terminada essa escrita até aqui, abro espaço para que as mulheres que escutei intervenham na/a partir da história que escrevi a partir de nosso encontro. Sinto precisar dizer que, escutando e lendo alguns efeitos do encontro dessas mulheres com elas mesmas através de minha escrita, sabia que podia mesmo encerrar esse trabalho.

Oduduá.

Parvati.

Hathor.

Atena.

Freia.

E mais algumas... me disseram que se ler através de meus olhos ofereceu outro sentido à experiência; disseram ter começado a escrever sobre suas vidas; disseram ter se emocionado; disseram não acreditar serem protagonistas do que liam. Uma delas passou a escrever sobre sua experiência, contando a quem quiser ler, ao público que quiser ler, o detalhe de sua experiência.

Elas me responderam e interviram e assim, sim, eu poderia liberar essas palavras a voarem.

Referências bibliográficas

- ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. 2009. [Vídeo e transcrição de fala disponíveis em: https://www.ted.com/tals/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt acesso em 12 dez. 2018.
- ADICHIE, C. N. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BARBOSA, P. B. *O filho é da mãe?* Fortaleza: Substância, 2017.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. 2002, n.19, p.20-28.
- BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA et. al. *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*. 4ª ed. - Brasília: IPEA, 2011. 39 p. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/retrato/edicoes_anteriores.html. Acesso em 06 dez. 2018.
- BRUM, E. (2014). *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. São Paulo: Leya, ebook kindle. <https://docero.com.br/doc/5ne0>
- CARLOTO, C. M.; MARIANO, S. A. No meio do caminho entre o privado e o público: um debate sobre o papel das mulheres na política de assistência social. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 451-471, Ago. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em 14 jun. 2019.
- CLEMENS, J. A (mal) dita maternidade: a maternidade e o feminino entre os ideais sociais e o silenciado. Tese de doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Psicologia. 269 p. Florianópolis, SC, 2015.
- CONTI, J. Margens entre pesquisar e acompanhar: o que fazemos existir com as histórias que contamos? Dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Programa de Pós-graduação em Psicologia. 107 p. Niterói, RS, 2015.
- DETONI, P. P.; MACHADO, P. S.; NARDI, H. C. “Em nome da mãe”: performatividades e feminizações em um CRAS. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 26, n.1, e45084, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100210&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21 mai. 2019.
- DINIZ, D. *Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa* Brasília: Letras Livres, 2012.
- EVARISTO, C. *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo é o privilégio da pesquisa parcial. **Cadernos Pagu** (5), 1995. p. 07-41. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em 17 abril 2019.

MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MENESES, M. P. *Outras vozes existem, outras histórias são possíveis*. Niterói: Grupalfa/UFF, 2008.

MORAES, M. & TSALLIS, A. C. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre, v. 6, n. p. 39-51, jan. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2016000100004. Acesso em 19 mar. 2019.

NOGUERA, R. *Mulheres e Deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L. (Org). *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. Disponível em: <https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/473.pdf>. Acesso em 17 abril 2019.

SILVEIRA, M.; CONTI, J. Ciência no feminino: do que é feita a nossa escrita? **Pesquisas e Práticas Psicossociais** 11 (1), São João del Rei, Janeiro a junho de 2016. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/1529/1119. Acesso em 21 mai. 2019.

OLIVEIRA, T. G., BATTISTELLI, B. M., CRUZ, L. R. A função protetiva das famílias e a responsabilização das mulheres-mães: um estudo sobre a matricialidade sociofamiliar na Política de Assistência Social. Anais do V Simpósio Gênero e Políticas Públicas. 2018.

OLIVEIRA, T. G., BATTISTELLI, B. M., CRUZ, L. R. Direitos sexuais e reprodutivos: aproximações com a assistência social. **Revista Eletrônica da UERGS**. No prelo 2019.